

EDICIÓ

Departament de Geografia i Sociologia
Departament d'Història
Departament d'Història de l'Art i Història Social
Facultat de Lletres - Universitat de Lleida

CONSELL DE REDACCIÓ

Director

Flocel Sabaté

Vocals

Pilar Alonso
Jordi Bolòs
Víctor Bretón
Francesc Fité
Cecilio Lapresta
Ramon Morell
Antoni Passola
Arturo Pérez
Enric Vicedo

Secretari

Javier de Castro

CONSELL ASSESSOR

Philippe Araguas
Jesús Contreras
Francisco López Palomeque
Carlos Martínez Shaw
Maria Teresa Montagut
Gabrielle Spiegel

Espai Temps, ininterrompudament des de 1988, forneix a la comunitat científica llibres de recerca de dimensió mitjana en els diferents àmbits de les Ciències Socials, convertits ben aviat en obres de referència. Totes les obres publicades a la col·lecció *Espai Temps* han superat les avaluacions cegues per part d'experts de reconegut prestigi i han demostrat la originalitat i el rigor de les seves aportacions científiques. Els Departaments de Geografia i Sociologia, Història i Història de l'Art i Història Social de la Universitat de Lleida es complauen a compartir un camí comú en la col·laboració científica i a posar-se al servei de la recerca internacional.

<http://www.publicacions.udl.cat>

Edicions de la Universitat de Lleida
Edifici Polivalent
C/ Jaume II, 71. Planta baixa
25001 Lleida (Catalunya, España)
Tel. 973 70 33 92
Fax 973 70 33 93
Correu electrònic: eip@eip.udl.cat



Reptes de recerca en història de les dones

Retos de investigación en historia de las mujeres

Desafios da investigação sobre a história das mulheres

Sfide di ricerca nella storia delle donne

Research challenges in women's history

**María José Vilalta
(editora)**

**Edicions de la Universitat de Lleida
Lleida, 2022**

Analfabeta e poderosa: Maria Vieira na Braga seiscentista

Maria Marta Lobo de Araújo

Professora Associada com Agregação-Centro de Investigação Lab2PT
Universidade do Minho (Portugal)
martalobo@ics.uminho.pt

Proveniente de uma família de mercadores, Maria Vieira casou em 1619 com um sirgheiro, mais tarde denominado mercador de sedas. Nasceu, cresceu e viveu entre mercadores, numa sociedade fortemente marcada por uma religião muito controladora. Neste trabalho procuraremos demonstrar como uma mulher saída de uma família de mercadores enriqueceu e se afirmou, ganhando conjuntamente com o marido muita notoriedade na cidade de Braga na primeira metade de seiscentos. Apesar de se ter remetido mais à casa, nunca Maria Vieira, como veremos, deixou de se manifestar e afirmar, num período marcado pelo poder masculino.

Proveniente de uma família numerosa, Maria, contrariamente a outras irmãs, não possuía competências nos campos da leitura e da escrita (López Cordon, 2005: 195), o que não impedia que não soubesse contar, domínio relevante para quem possuía com o marido uma loja de sedas, bem no centro da cidade, onde, aliás, também residiam. Foi no coração de Braga que construíram a sua casa, no rossio do castelo, onde funcionava a sua loja. Rodeados de outros mercadores e de familiares, Maria Vieira e o seu esposo Pedro de Aguiar iniciaram desde cedo um caminho de ascensão social que os conduziu ao mundo confraternal da cidade, de que se destaca a Misericórdia. Essa pertença catapultou o marido para familiar do Santo Ofício, a instituição mais temida da época.

Enquanto Pedro de Aguiar assumiu a imagem da figura pública e percorreu lugares de poder nas diversas confrarias, na Inquisição e na escrivania do Auditório Eclesiástico

de Braga, Maria Vieira coordenou a vida doméstica com o apoio de criadas, criou cinco filhos, todos mortos enquanto crianças, e foi o principal pilar do marido. Apoiou-o na aquisição de património rústico e urbano, na entrega de dinheiro a juros, no investimento em negócios de outros mercadores, nas doações e nos legados pios, manifestando prazer e a “alegria” no investimento que conduzia à salvação. Os dois entendiam, aliás, numa lógica distributiva da época, que deviam fazer reverter para a Igreja e os pobres o que tinham recebido de Deus, demonstrando que a riqueza era transitória e não lhes pertencia.

Foi através das escrituras notariais e do seu testamento que melhor conhecemos esta mulher. Em todos os documentos produzidos a que ela dava consentimento em sua casa, nunca acompanhando o marido ao notário, mas recebendo-o na sua moradia, apresentava-se como uma senhora esclarecida, capaz de compreender a estrutura complexa de uma escritura notarial, bem como o significado das palavras escritas. A sua iliteracia nunca impediu a compreensão dos factos e a concretização dos projetos que os moviam, nem mesmo após a morte do marido. Estamos perante uma mulher forte e determinada, o que se torna mais evidente na condição de viúva. Durante a sua vida, Maria reservou para si um espaço que nunca foi ameaçado pela figura do marido. Ela sabia qual era o seu lugar e dele nunca prescindiu, principalmente quando era preciso tomar decisões. Na condição de viúva, Maria floresceu na afirmação social, administrativa, religiosa e económica, mantendo uma relação muito afetuosa com a família.

As dificuldades de estudar as mulheres na Idade Moderna são muitas, como é do conhecimento geral, principalmente no que se refere ao espaço público e às suas representações. Todavia, no caso em estudo os rastros deixados na documentação existem em abundância, devido às redes que o casal contruiu e aos projetos que os levou até ao notário. A sua condição social e as decisões tomadas originaram um considerável volume de fontes escritas, o que nos possibilitou aceder ao seu quotidiano, mas não a toda a sua vida. Esta possibilidade só existe porque estamos perante uma mulher com possibilidades de aceder ao notário com uma frequência impressionante, mas o mesmo não se observa na maioria das mulheres do período em estudo.

O casal evidenciou grande empreendedorismo nos negócios em que se envolveu e alcançou enorme riqueza, que se espelhava nos bens materiais que os rodeavam e no recheio da sua loja. Pais de cinco filhos, Pedro e Maria assistiram à sua morte enquanto crianças. Após o falecimento dos filhos, o casal encheu a sua casa de familiares, sobretudo de sobrinhos, o que se tornou mais notório quando Maria Vieira ficou viúva. A capacidade de acolher, de aconchegar e de proteger a família evidencia o bom entendimento existente entre o casal, mas sobretudo a forma como Maria Vieira criava laços e geria emoções.

A documentação analisada sugere um bom entendimento entre o casal, embora nunca nos surja a palavra amor ou afeto referente ao relacionamento que mantinham, contrariamente a outra documentação para o mesmo período. As menções deixadas são

a evidência de uma grande harmonia e consideração mútua, evidenciando companheirismo e afeto (López Villarán, 2016: 150-152). Constatam-se posturas harmoniosas, consensualizadas no interior do espaço doméstico, o que resultava numa unanimidade de comportamentos e vontades, exteriorizadas pelo marido, nas palavras que proferia em público, nomeadamente perante o notário.

Um outro traço da vida de Maria Vieira está associada à sua ligação à Igreja Católica. Em casa passaria algum do tempo no seu oratório. Nesse espaço privado da sua moradia, dedicaria parte do dia à oração e à veneração do Menino Jesus, culto a quem demonstrou muita dedicação e afeto. A devoção a este culto materializou-se numa imagem existente na sua casa, mas também no altar e no coro que lhe dedicou na igreja de Nossa Senhora-a-Branca, de Braga, e na insígnia colocada no hábito das mulheres do recolhimento de Nossa Senhora de Penha de França, fundado por ambos. A vida do Menino Jesus encontrava-se ainda pintada na parte superior do retábulo do altar que o casal mandou construir na referida igreja (Araújo, 2021: 61-76). Para além deste culto, Maria era profundamente devota do Santíssimo Sacramento, tal como o seu marido, das Almas do Purgatório, de São Francisco e de Nossa Senhora, o que a levou a beneficiar instituições franciscanas e a contribuir para o resgate das almas sofredoras no fogo do Cárcere Divino.

Foi, todavia, após a morte do marido, que Maria Vieira assumiu maior protagonismo, o que se verificou também noutros casos de mulheres viúvas. Manteve aberta a loja de sedas, administrada através de um sobrinho, continuou a adquirir medidas de pão, acompanhada por outro sobrinho e um irmão, ambos sacerdotes, a emprestar dinheiro a juros e a administrar o recolhimento de beatas, fundado em 1650, preservou e incrementou o relacionamento com outros mercadores da cidade, assim como resolveu os problemas remanescentes da testamentaria de um cunhado seu. Mas foi sobretudo no final de vida que decidiu deixar uma marca indelével na cidade de Braga ao instituir poucos meses antes da sua morte, em 1660, um coro de cinco capelães para celebrarem diariamente pelas suas almas e a rezar as horas canónicas, na igreja de Nossa Senhora-a-Branca, também de Braga, o qual se manteve em funcionamento até 1940. Foi ainda nesta igreja que edificaram o seu mausoléu.

A análise das suas últimas vontades demonstra estarmos perante uma mulher muito lúcida quanto à sua herança e aos fins que lhe queria dar. Pensámos também que essa decisão deve ter sido tomada ainda em vida do marido, feita a dois, como em tudo nas suas vidas. Fortemente ligada à Igreja, Maria dedicou-se às causas pias e religiosas, mas sobretudo aos afetos. A sua família, não somente a do seu ramo, mas também a do marido, que acolheu, protegeu e beneficiou, constituíram uma das suas fortes preocupações. E se a imagem desta mulher poderosa se perpetuou na História através das marcas públicas deixadas, ela foi igualmente forte no recato da sua casa, na construção e gestão de redes sociais, mas sobretudo nos afetos e na caridade.

Na distribuição da sua fortuna, Maria Vieira privilegiou a salvação da sua alma, dando continuidade às doações feitas conjuntamente com o marido, principalmente no hospital de São Marcos, da cidade, onde erigiram uma ala destinada a convalescentes, beneficiou algumas sobrinhas, outras mulheres de Braga e as suas criadas. Recordou ainda os franciscanos do convento de São Frutuoso, situado extra muros, as beatas do recolhimento que fundaram e a confraria do Santíssimo Sacramento, da igreja da Sé. O remanescente da herança ficou para a Misericórdia fazer bem aos pobres.

Perspicaz e investidora, Maria Vieira tornou-se numa mulher poderosa, apesar de ser analfabeta. Com o seu marido construiu riqueza, afirmando-se socialmente, mas foi sozinha que solidificou o epíteto de “dona”, como era frequentemente denominada, o que refletia o seu desempenho enquanto investidora, testamenteira, gestora, fundadora de um coro de capelães e benfeitora de pobres.

Referências

- Araújo, Maria Marta Lobo de (2021): *Os usos da riqueza e do poder: Pedro de Aguiar e Maria Vieira na Misericórdia e na cidade de Braga (século XVII)*, Húmus, Vila Nova de Famalicão.
- López Cordon, María Victoria (2005): “La fortuna de escribir: escritoras de los siglos XVII y XVIII”, en Isabel Morant, Margarita Ortega, Asunción Lavrin, Pilar Pérez Cantó (coords.): *Historia de las Mujeres en España y América Latina*, II, Cátedra, Madrid.
- López Villarán, Sara (2016): “Las emociones y el matrimonio en el género epistolar inglés a finales del siglo XVII: carta de Mary More a sua hija Elizabeth Waller (ca. 1670)”, en María Luisa Candau Chacón (ed.): *Las mujeres y las emociones en Europa y América. Siglos XVII-XIX*, Editorial de la Universidad de Cantabria, Santander.